

## MERCADOS E ORGANIZAÇÕES NO SECTOR DAS PAM

Ana Maria Barata, Violeta Lopes

BANCO PORTUGUÊS DE GERMOPLASMA VEGETAL / INIAV

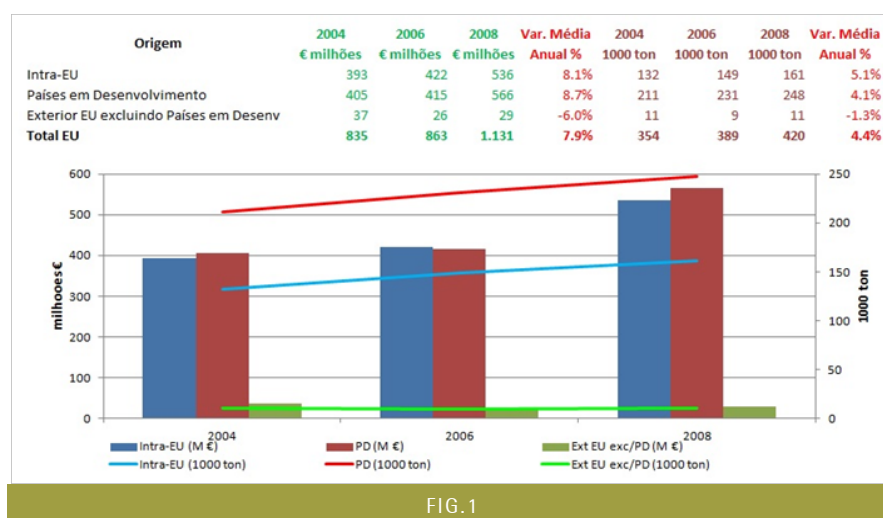
As Plantas Aromáticas e Medicinais estão num mercado em desenvolvimento a nível comunitário e mundial, para quase todos os tipos de utilização. A necessidade de criar dimensão em Portugal para poder aceder a este mercado é, pois, fundamental, para que o potencial existente possa ser uma realidade. (GPP, IPAM, *As Plantas Aromáticas Medicinais e Condimentares, Portugal Continental 2012, 2013*)

Nas últimas três décadas, verificou-se um aumento substancial do mercado das plantas aromáticas e medicinais no Mundo. O incremento nas exportações na última década e a reafirmação no seu uso em sistemas de saúde alternativos, mostra o interesse nestes produtos. É um setor que movimenta um vasto volume financeiro.

Por outro lado, o mercado europeu aparenta ser um grande consumidor deste produto, no entanto os dados existentes são ainda limitados.

De acordo com as informações disponibilizadas pelo EUROSTAT, este era o panorama de 2004 a 2008, tendo-se verificado o incremento das produções e do volume de negócio.

Como resultado da expansão do interesse em plantas aromáticas e medicinais, novas oportunidades de gerar negócio, estão disponíveis para as populações rurais.



### PRODUÇÃO

Existem basicamente dois tipos de fontes de plantas aromáticas e medicinais, que se enquadram no conceito de produção: **Material silvestre** e **Material cultivado**

#### Material silvestre

O material silvestre é habitualmente colhido na natureza e sob várias formas, dependendo das partes utilizadas, como por exemplo, folhas, flores, frutos, casca ou raízes e, em diversos locais, como pastagens, em áreas florestais ou mesmo ao longo da estrada.

A maior quantidade de material comercializado, em todos os países do mundo e em Portugal em particular é resultado da recolha silvestre e, só uma relativa quantidade de algumas espécies resultam de material cultivado.

Informação sobre o volume de material vegetal recoletado e comercializado, não está disponível, até porque ao nível do comércio não é fácil distinguir uma tipologia da outra. Estes são normalmente colhidos por coletores contratados para esse efeito, que são na maior parte das vezes de fora da região, onde ocorre a colheita ou ainda por produtores com áreas reduzidas de terra para cultivar, podendo assim funcionar como complemento financeiro a atividade agrícola principal.

Portugal tem uma reserva genética de PAM que pode ser explorada pelas suas aptidões de carácter medicinal e aromático. Até hoje o material espontâneo tem tido uso quase exclusivo pela fitoterapia.

Apesar de ser possível fazer colheitas de uma forma sustentável e com um baixo impacto no ecossistema, na maior parte das situações tal não acontece. Devemos sobretudo ter em atenção que muitos dos materiais utilizados são raízes de plantas, que são as partes mais difíceis de colheita numa forma sustentável.



QUADRO 1 - ESPÉCIES MAIS RECOLETADAS EM PORTUGAL COM USO COMERCIAL

ESPÉCIE	NOME COMUM	MERCADO (KG MS)
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill	Eucalipto	48300
<i>Equisetum telmateia</i> Ehrh.	Cavalinha, rabo de gato, pinheirinho de água	4450
<i>Pterospartum tridentatum</i> L. Willk.	Carqueja	3300
<i>Centaurium erythraea</i> Rafn	Fel-da-terra	1070
<i>Tilia platyphyllos</i> Scop.	Tília	850
<i>Fraxinus angustifolia</i> Vahl	Freixo	420
<i>Matricaria recutita</i> L.	Camomila	405
<i>Malva sylvestris</i> L.	Malva	310
<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro, candelheiro, galacrista	195
<i>Chamaemelum nobile</i> (L.) All.	Macela, marcela, camomila-romana	90
<i>Olea europaea</i> L.	Oliveira	15
<i>Helichrysum stoechas</i> (L.) Moech.	Perpétua das areias	6
<i>Hypericum androsaemum</i> L.	Hiperição do Gerês	10
<i>Satureja montana</i> L.	Segurelha	10
<i>Vitis vinifera</i> L.	Videira	10
<i>Olea europaea</i> L.	Oliveira	15
<i>Thymus mastichina</i> L.	Tomilho bela-luz, manjerona-brava	30
<i>Chamaemelum nobile</i> (L.) All.	Macela, marcela, camomila-romana	90
<i>Vaccinium myrtillus</i> L.	Mirtilo, arando, uva-do-monte	95
<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro, candelheiro, galacrista	195
<i>Salvia officinalis</i> L.	Salva, erva-santa	240
<i>Malva sylvestris</i> L.	Malva	310
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Funcho	380
<i>Matricaria recutita</i> L.	Camomila	405
<i>Fraxinus angustifolia</i> Vahl	Freixo	420
<i>Thymus vulgaris</i> L.	Tomilho	420
<i>Lavandula angustifolia</i> Mill	Alfazema, lavandula	430
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo, hortelã-dos-açores	620
<i>Gomphrena globosa</i> L.	Pepétuas-roxas	760
<i>Echinacea purpurea</i> (L.) Moench	Equinácea	780
<i>Tilia platyphyllos</i> Scop.	Tília	850
<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf.	Erva príncipe, erva caninha, erva cidreira	1020
<i>Centaurium erythraea</i> Rafn	Fel-da-terra	1070
<i>Thymus x citriodorus</i> Schreb.	Tomilho limão	1480
<i>Mentha piperita</i> L.	Hortelã pimenta	1560
<i>Olea europaea</i> L.	Oliveira	1850
<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva cidreira, cidreira	2960
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	2960
<i>Pterospartum tridentatum</i> L. Willk.	Carqueja	3300
<i>Lavandula stoechas</i> L.	Rosmaninho, rosmaninho lilás	4200
<i>Equisetum telmateia</i> Ehrh.	Cavalinha, rabo de gato, pinheirinho de água	4450
<i>Origanum vulgare</i> L.	Orégãos	5160
<i>Lippia triphylla</i> (L'Hérit.) O. Kuntze	Lúcia-lima, bela-lúisa, limonete, doce-lima, verbena	13340
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill	Eucalipto	48300
<i>Prunus avium</i> L.	Cerejeira	<5
<i>Tilia platyphyllos</i> Scop.	Tília	<5



QUADRO 2 - ESPÉCIES MAIS RECOLETADAS EM PORTUGAL, SEM USO COMERCIAL, COM USO TRADICIONAL

ESPÉCIES RECOLETADAS SEM USO COMERCIAL
<i>Arnica montana</i> L.
<i>Asparagus acutifolius</i> L.
<i>Asphodelus ramosus</i> L.
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.
<i>Fragaria vesca</i> L.
<i>Gentiana lutea</i> L.
<i>Hypericum androsaemum</i> L.
<i>Ilex aquilifolium</i> L.
<i>Lavandula stoechas</i> L.
<i>Lavandula viridis</i> L'Hér
<i>Melilotis melissophyllum</i> L.
<i>Mentha cervina</i> L.
<i>Origanum vulgare</i> L. subsp. <i>virens</i> (Hoffm. & Link)
<i>Prunus lusitanica</i> L.
<i>Ruscus aculeatus</i> L.
<i>Thymbra capitata</i> L.
<i>Thymus caespititius</i> Brot.
<i>Thymus mastichina</i> L.
<i>Tuberaria lignosa</i> (Sweet) Samp.
<i>Vaccinium myrtillus</i> L.

QUADRO 3 - ESPÉCIES MAIS RECOLETADAS EM PORTUGAL PARA PRODUÇÃO DE ÓLEOS ESSENCIAIS, VALORES REFERENTES A 2010

ESPÉCIES	PRODUÇÃO DE ÓLEOS ESSENCIAIS (KG)
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill	12010
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	715
<i>Lavandula stoechas</i> L.	105
<i>Cistus ladanifer</i> L.	60
<i>Pinus pinaster</i> Ait.	60
<i>Thymus mastichina</i> L.	8
<i>Chamaemelum nobile</i> (L.) All.	<5
<i>Helichrysum italicum</i> (Roth) G. Don fil. in Loudon	<5
<i>Helichrysum stoechas</i> (L.) Moech.	<5
<i>Laurus nobilis</i> L.	<5
<i>Thymus vulgaris</i> L.	<5

## Material cultivado

Estima-se um potencial de crescimento elevado, com material cultivado, que cresceu de 4,7 milhões de euros de volume de negócio para 13 milhões.

Existe também um elevado potencial de exportação destes produtos, plantas e produtos à base de plantas, tanto em mercados considerados tradicionais neste consumo, como mercados emergentes.

Este material é habitualmente mais utilizado, para usos como sejam a produção de produtos terapêuticos, uma vez que as empresas requerem produtos standerizados e com garantia do conteúdo e qualidade. Os requisitos de qualidade são cada vez mais importantes, porque a legislação está cada vez mais restritiva na maioria dos países.

Países como a Argentina, China, Hungria, Índia, Polónia e Espanha são exemplos de produção de plantas aromáticas e medicinais em larga escala. O material produzido e a vir ser produzido, deve ter uma qualidade elevada e um custo adequado, já que existe uma competição elevada no mercado internacional.

O fornecimento destes produtos está muitas vezes associado a longas cadeias de distribuição, desde os coletores ou produtores, aos contratadores locais, aos mercados grossistas regionais, aos mercados grossistas de maior dimensão, até aos mercados especializados. Esta grande cadeia acaba por contribuir para os baixos preços pagos ao produtor e ao coletor.



QUADRO 4 - ESPÉCIES CULTIVADAS EM PORTUGAL, VALORES REFERENTES A 2010

ESPÉCIE	NOME COMUM	MERCADO (KG MS)
<i>Lippia triphylla</i> (L'Hérit.) O. Kuntze	Lúcia-lima, bela-lúisa, limonete, doce-lima, verbena	13340
<i>Origanum vulgare</i> L.	Orégãos	5160
<i>Lavandula stoechas</i> L.	Rosmaninho, rosmaninho lilás	4200
<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva cidreira, cidreira	2960
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	2960
<i>Olea europaea</i> L.	Oliveira	1850
<i>Mentha piperita</i> L.	Hortelã pimenta	1560
<i>Thymus x citriodorus</i> Schreb.	Tomilho limão	1480
<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf.	Erva príncipe, erva caninha, erva cidreira	1020
<i>Echinacea purpurea</i> (L.) Moench	Equinácea	780
<i>Gomphrena globosa</i> L.	Pepétuas-roxas	760
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo, hortelã-dos-açores	620
<i>Lavandula angustifolia</i> Mill	Alfazema, lavandula	430
<i>Thymus vulgaris</i> L.	Tomilho	420
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Funcho	380
<i>Salvia officinalis</i> L.	Salva, erva-santa	240
<i>Vaccinium myrtillus</i> L.	Mirtilo, arando, uva-do-monte	95
<i>Thymus mastichina</i> L.	Tomilho bela-luz, manjerona-brava	30
<i>Hypericum androsaemum</i> L.	Hipericão do Gerês	10
<i>Vitis vinifera</i> L.	Videira	10
<i>Satureja montana</i> L.	Segurelha	10
<i>Helichrysum stoechas</i> (L.) Moench.	Perpétua das areias	6
<i>Tilia platyphyllos</i> Scop.	Tília	<5
<i>Prunus avium</i> L.	Cerejeira	<5

## PRODUTORES

De acordo com o recente estudo elaborado pelo GPP, IPAM, existem 147 produtores, sendo que 85 destes são já ativos e os restantes, estarão em fase de instalação.

A confirmar este incremento do sector, está a mais recente informação sobre pedidos de apoio no âmbito do PRODER 2007-2014, que refere que no período de entre 2008 e o 1º semestre de 2013, foram no total 230, sendo que 138 foram projetos de apoio à instalação de jovens agricultores, 57 de apoio a investimento na exploração agrícola, dos quais 35 de jovens agricultores.

Em anos mais recentes o setor foi hábil no incremento do número de produtores e nas áreas de produção, sendo que estes produtores têm um perfil muito diferente dos restantes nos outros setores agrícolas, são mais jovens e com maiores níveis de escolaridade. As explorações de PAM no entanto são, no geral, mão-de-obra e capital-intensivas e, exigentes do ponto de vista técnico. Se a pequena dimensão foi fator de atração, esta pode constituir-se como uma forte limitação quando se trata de colocar o produto no mercado, de forma individualizada.

Impõe-se a realização de estudos de adaptação ecológica às regiões do país, de técnicas culturais mais adequadas, definição de quimiotipos mais produtivos bem como o melhoramento genético quando necessário para a maximização das produções. A produção e comercialização de sementes é uma componente do setor com significativo grau de desconhecimento e menor divulgação.

O setor das PAM em Portugal tem assentado sobretudo em PAM não transformadas.



O mercado interno, com a venda direta ao consumidor é o principal canal de escoamento, mas o mercado externo está igualmente presente, sendo mais utilizado pelos produtores de material seco e biológico, sendo por vezes o único canal de escoamento.

## TIPOS DE EXPLORAÇÃO E AGENTES DO SETOR

**PAM fresco em produção convencional** – As maiores explorações, isto é, as que apresentam maior área por espécie, trabalha normalmente sob contrato, abastecendo internamente a grande distribuição e enviando também produto para o exterior. As pequenas explorações vendem, regra geral, diretamente ao consumidor, mas o pequeno comércio e os intermediários detêm igualmente um peso importante nos seus canais de escoamento.

**PAM fresco e/ou seco em modo de produção BIO** – As explorações procuram vender para empresas associadas à restauração, que podem garantir encomendas a preços elevados e compensadores. Dada a pequena dimensão da produção, ela é vendida essencialmente para o mercado interno, em feiras e casas da especialidade (bio), ou a empresas demarcadas das grandes superfícies. Por vezes, nos casos de maior sucesso, com capacidade de inovação, já o fazem para o mercado externo.

**Empresas armazenistas** – Concentração e aprovisionamento da matéria prima que o sector necessita. Realiza o primeiro acondicionamento das plantas – secagem, análises de qualidade e preparação do material de acordo com a solicitação de mercado.

Estão habitualmente localizadas, ou junto da origem da matéria prima ou junto do destino do material, perto dos clientes.

Estas empresas fornecem a indústria para a 1ª transformação. Estes agentes têm vantagens e desvantagens no sector, são eficazes na venda, assumem o risco do armazenamento, têm maior capacidade de crédito e são eles que assumem o risco do mercado (flutuações de preços), por outro lado trazem informação sobre a demandado mercado (espécies e volumes de material necessário). Exigem grandes quantidades à produção, pagam menos, importam bastante e assim podem baixar o preço ao produto nacional.

**Distribuição grossista** – São empresas mais ou menos especializadas em setores como seja o alimentar, a medicina, a cosmética e a perfumaria). Têm por objectivo distribuir para os distribuidores de menor escala (assim se definem as marcas brancas).

## UTILIZAÇÃO

É muito diversificada a gama de produtos que incorpora PAM (ou seus derivados) na sua composição, genericamente, podemos dizer que são três os usos fundamentais, a indústria agro-alimentar, farmacêutica (incluindo-se aqui os produtos utilizados em medicina natural) e a cosmética e perfumaria. Estas indústrias utiliza as PAM sob as formas mais diversas, como matéria-prima em bruto, tais como raízes, rizomas, folhas, frutos, sementes e cascas, ou como matéria-prima para isolar substâncias ativas ou extractos.





### Outros agentes que intervêm na fileira:

Fornecedores de material vegetal para a instalação de novas explorações ou já existentes; fornecedores de equipamento agrícola e instalações; fornecedores de equipamento para destilação; Laboratórios de análises; centros de investigação e empresas certificadoras.

## PROPOSTAS DE ORIENTAÇÃO NA ORGANIZAÇÃO DO SECTOR

A criação de cooperativas ou associações em países da Europa e do mundo, tiveram como objectivo de garantir melhores formas negociais e melhores preços do produto. Os custos de matéria prima resultado de colheita silvestre, são normalmente menores, condicionando muitas vezes o valor final do material vegetal resultado da produção.

### 1. Associações interprofissionais (D. L. n.º 123/97, Estabelece os critérios base para o reconhecimento de Organizações Interprofissionais do setor agro-alimentar)

- São organizações sem fins lucrativos, constituídas por estruturas representativas da produção, transformação e/ou comercialização, podendo ainda incluir representantes dos consumidores.
- Podem ter estatuto de pessoa coletiva de utilidade pública (caso sejam de âmbito nacional)
- Reconhecidas pelas Autoridades Competentes
- Regem-se por princípios de democraticidade e representatividade

### 2. Organização de produtores (D. L. 2.ª série, 20 de Abril de 2010 reconhecimento de organizações de produtores e de associações de produtores)

- As organizações de produtores devem ter como objecto principal a concentração da oferta e a colocação no mercado da produção dos seus membros e desenvolver também, pelo menos, um dos seguintes objectivos:
  - Assegurar a programação da produção e a adaptação desta à procura, nomeadamente em termos de qualidade e de quantidade;
  - Optimizar os custos de produção e estabilizar os preços na produção.
- As organizações de produtores devem ainda ter como objectivo a aplicação de práticas de cultivo, técnicas de produção e práticas de gestão dos resíduos respeitadoras do ambiente, nomeadamente para proteger a qualidade das águas, do solo e da paisagem e para preservar ou fomentar a biodiversidade.

### 3. Empresas de tipologia diversa



## ESQUEMA DE ORGANIZAÇÃO DO SECTOR, DO PRODUTOR AO CONSUMIDOR



**TÍTULOS DISPONÍVEIS** | 1. Tipos e Espécies de PAM (F. Delgado, O. Póvoa) | 2. Propagação de PAM (F. Delgado, O. Póvoa) | 3. Instalação das Culturas de PAM (J. Morgado) | 4. Protecção das Culturas de PAM (M. C. Godinho) | 5. Colheita de PAM (M. E. Ferreira e M. Costa) | 6. Secagem e Acondicionamento de PAM (A. Ferreira) | 7. Processamento de PAM Secas (L. Alves) | 8. Extractos de PAM (A. C. Figueiredo, J. G. Barroso e L. G. Pedro) | 9. Mercados e Organizações no Sector das PAM (A. Barata e V. Lopes)

DISPONÍVEIS EM EPAM.PT/GUIA

### FICHA TÉCNICA

GUIA PARA A PRODUÇÃO DE PLANTAS AROMÁTICAS E MEDICINAIS: UMA RECOLHA DE INFORMAÇÃO E BOAS PRÁTICAS PARA A PRODUÇÃO DE PLANTAS AROMÁTICAS E MEDICINAIS EM PORTUGAL | dezembro 2014

Esta ficha resulta de um trabalho colectivo realizado no âmbito do projecto Formar para a Produção de Plantas Aromáticas e Medicinais em Portugal promovido pela ADCMoura, coordenado por Joaquim Cunha, e foi realizado por Ana Barata, Ana Cristina Figueiredo, Armando Ferreira, Fernanda Delgado, Isabel Mourão, Joaquim Cunha, Joaquim Morgado, José G. Barroso, Luís Alves, Luís G. Pedro, Margarida Costa, Maria do Céu Godinho, Maria Elvira Ferreira, Noémia Farinha e Orlanda Póvoa

